

BUSCA DE SENTIDO NO CONTEXTO DA VIDA COMUNITÁRIA E FAMILIAR: UM AUTORRELATO EM LOGOTERAPIA

SEARCH FOR MEANING IN THE CONTEXT OF COMMUNITY AND FAMILY LIFE: A LOGOTHERAPY SELF-REPORT

BÚSQUEDA DE SENTIDO EN EL CONTEXTO DE LA VIDA COMUNITARIA Y FAMILIAR: UN AUTORRELATO EN LOGOTERAPIA

-  Marliane de Andrade Cavalcante¹
 Fabíola de Araújo Leite Medeiros²
 Giovanna de Araújo Leite Medeiros⁴
 Gilvan de Melo Santos⁵

1. Psicóloga. Especialista em Logoterapia e Análise Existencial. UEPB. E-mail: psimarliane@gmail.com
2. Enfermeira. Doutorado e Pós-Doutorado em Enfermagem. UEPB. E-mail: profabiolaenf@servidor.uepb.edu.br
3. Licenciada em Letras. Doutora em Literatura. UEPB. E-mail: giovanna37leite@gmail.com
4. Graduado em Psicologia (UEPB) e em Arte e Mídia (UFCG). Doutor em Linguística (UFPB e UPONLD – França). E-mail: gilvanmusic@gmail.com

RESUMO: O objetivo do estudo foi descrever um autorrelato de vida na perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor E. Frankl. Trata-se de um autorrelato com abordagem da pesquisa qualitativa, cuja narrativa de vida permitiu a construção de cinco descrições do trajeto de vida em busca do sentido: 1) A compreensão das Novas Comunidades; 2) A vinculação religiosa de uma jovem mulher; 3) O conflito existencial durante a vinculação no instituto; 4) A decisão de licença da Nova Comunidade e o sofrimento existencial; 5) A busca pelo sentido de vida após o êxodo da Comunidade de Vida e a liberdade de escolha de um novo caminho. Observou-se que, mesmo em contextos de sofrimento, a liberdade de escolha e a responsabilidade diante da vida permanecem como fundamentos para a saúde integral e para a construção de novos sentidos. Conclui-se que, a Logoterapia, ao considerar a dimensão noética do ser humano, oferece subsídios significativos para compreender processos de amadurecimento pessoal, superação de crises existenciais e fortalecimento da saúde da família.

Palavras-chave: Logoterapia, Sentido de vida, valores

ABSTRACT The objective of the study was to describe a self-report from the perspective of Viktor E. Frankl's Logotherapy and Existential Analysis. This is self-report based on a qualitative research approach, in which the life narrative enabled the construction of five analytical descriptions that portray the life trajectory in the search for meaning: (1) The understanding of the New Communities; (2) The religious affiliation of a young woman; (3) The existential conflict during her involvement with the institute; (4) The decision to take leave from the New Community and the resulting existential suffering; and (5) The search for meaning in life after the exodus from the Life Community and the freedom to choose a new path. It was observed that, even in contexts of suffering, freedom of choice and responsibility toward life remain fundamental to integral health and to the construction of new meanings. It is concluded that Logotherapy, by considering the noetic dimension of the human being, offers significant contributions to understanding processes of personal maturation, the overcoming of existential crises, and the strengthening of family health.

Keywords: Logotherapy, Meaning of life, Values.

RESUMEN: El objetivo del estudio fue describir un autorrelato desde la perspectiva de la Logoterapia y el Análisis Existencial de Viktor E. Frankl. Se trata de un autorrelato con un enfoque de investigación cualitativa, en el cual la narrativa vital permitió la construcción de cinco descripciones analíticas que retratan la trayectoria de vida en la búsqueda de sentido: (1) La comprensión de las Nuevas Comunidades; (2) La vinculación religiosa de una mujer joven; (3) El conflicto existencial durante su vinculación con el instituto; (4) La decisión de solicitar una licencia de la Nueva Comunidad y el sufrimiento existencial resultante; y (5) La búsqueda de sentido de vida tras el éxodo de la Comunidad de Vida y la libertad de elegir un nuevo camino. Se observó que, incluso en contextos de sufrimiento, la libertad de elección y la responsabilidad ante la vida permanecen como fundamentos de la salud integral y de la construcción de nuevos sentidos. Se concluye que la Logoterapia, al considerar la dimensión noética del ser humano, ofrece aportes significativos para comprender los procesos de maduración personal, la superación de crisis existenciales y el fortalecimiento de la salud familiar.

Palabras-clave: Logoterapia, Sentido de la vida; Valores

Recebido em: 09/02/2026

Aprovado em: 26/02/2026



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

O presente estudo consiste em um autorrelato de vida fundamentado na Logoterapia e Análise Existencial, abordagem psicológica e concepção antropológica, desenvolvidas por Viktor Emil Frankl, sobrevivente dos campos de concentração e criador da chamada Terceira Escola Vienense de Psicoterapia (Frankl, 2011). Nesse contexto, a noção de sentido da vida torna-se elemento central para a compreensão da experiência humana.

A participação em organizações religiosas é o foco central do estudo, quando destaca-se que a vinculação em uma instituição religiosa, pode influenciar significativamente a vida de um indivíduo. Na religião católica, por exemplo, quando uma mulher decide pertencer a um Instituto, (aqui tratamos, mais especificamente, das chamadas Novas Comunidades, NC), viverá de modo exclusivo aquilo que acredita ser um chamado vocacional, orientando-se pelas regras, carisma e missão da instituição.

Alinhado a essa perspectiva, observa-se que, nos últimos anos, temas como saúde mental, religião, espiritualidade e sentido da vida têm ganhado destaque no meio acadêmico. Entre as diversas possibilidades de construção de sentido, a vivência em comunidade tem sido apontada como uma das formas pelas quais o ser humano encontra significado para sua existência no mundo (Alonso; Dafanti, 2023).

Em 2009, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) corroborou que o termo *Novas Comunidades (NC)* designa um formato de associações originadas de movimentos ou a eles incorporadas. Nas NC, os membros podem se organizar como Comunidade de Vida (CV) ou Comunidade de Aliança (CA). Os estatutos dessas organizações expressam o carisma, a forma de governo, os critérios de admissão e desligamento, bem como o processo formativo, que inclui momentos de oração, missão, estudo individual e/ou comunitário.

Nesse contexto, o presente estudo parte da experiência de uma mulher com vínculo de pertença em uma NC como membro da Comunidade de Vida. Trata-se de uma trajetória marcada pela busca de integrar espiritualidade, vida familiar, sociedade e mundo do trabalho, ao mesmo tempo em que a participante-narradora vivenciou um processo de imersão na Comunidade de Aliança e se questionou sobre o real sentido de sua existência. Desta forma, objetivo desse estudo foi um autorrelato na perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor E. Frankl. Este estudo fundamenta-se na concepção frankliana de que o ser humano, inserido em um horizonte de possibilidades, desenvolve sua dimensão espiritual por meio da liberdade de escolha e da construção de sentidos existenciais (Frankl, 2020).

Método

Este estudo configura-se como autorrelato de vida com abordagem qualitativa. Discorre-se que, o autorrelato em pesquisa pode ser compreendido como uma narrativa pessoal em que o sujeito reconstrói e interpreta sua trajetória a partir de suas próprias experiências e significados, assumindo-se como protagonista de sua própria história (Delory-Momberger, 2022; Delory-Momberger, 2011).

Toda a narrativa do autorrelato foi descrita de acordo com a retórica histórica dos fatos, sob a égide da Logoterapia e Análise Existencial.

Seguindo o rigor da descrição científica, foi descrito o percurso vivenciado por uma mulher na sua inserção em uma Comunidade de Vida até a sua decisão de desvinculação de um instituto religioso. Nesse percurso, são destacados os relatos de sofrimento profundo, dilemas de escolha e desafios existenciais. Esses aspectos, pouco explorados nos estudos sobre processos de vinculação religiosa, revelam elementos

essenciais da experiência aqui analisada.

Para melhor compreensão do relato, a descrição e a análise do *corpus* textual foram organizadas em cinco etapas distintas, a exemplo do contexto sobre as Novas Comunidades, a vinculação religiosa de uma jovem mulher, o conflito existencial durante a permanência em uma instituição religiosa, a decisão de licença da comunidade e o sofrimento existencial e o sentido de vida após o êxodo da Comunidade de Vida e a liberdade de escolha de um novo caminhar de escolha e da responsabilidade existencial.

A narrativa de vida permitiu a construção de cinco descrições do trajeto de vida em busca do sentido: 1) A compreensão das Novas comunidades; 2) A vinculação religiosa de uma jovem mulher; 3) O conflito existencial durante a vinculação no instituto; 4) A decisão de licença da Nova Comunidade e o sofrimento existencial; 5) A busca pelo sentido de vida após o êxodo da Comunidade de vida e a liberdade de escolha de um novo caminho.

Discorre-se que todas as falas da narradora se encontra em itálico e são descritas na narrativa como o autorrelato da narradora (uma das autoras do estudo) que revela sua história de vida e busca de sentido ao longo de sua trajetória como membro da comunidade e da sua vivência familiar.

Todas as etapas em questão foram discutidas com base na Logoterapia, proposta por Viktor Emil Frankl, destacando-se as contribuições do autor para a compreensão da liberdade de escolha e da responsabilidade existencial.

A compreensão das novas comunidades

Embora o fenômeno dos movimentos religiosos remonte aos períodos anteriores ao Concílio Vaticano II (CNBB, 2009)¹, foi no século XX que se consolidaram novas expressões de vida consagrada pós-conciliares. A terminologia adotada nos documentos oficiais refere-se a essas experiências como Novas Comunidades (NC), Novos Movimentos Eclesiais e Novas Formas de Vida Evangélica (BINS, 2015).

Entre os movimentos de espiritualidade, destaca-se a Renovação Carismática Católica, da qual as chamadas Novas Comunidades se originam. Em muitos casos, configuram-se como institutos semelhantes aos que já existem, mas nascidos de novos estímulos espirituais e apostólicos com vida missionária e têm contribuído para a evangelização na igreja católica e na sociedade (Almeida, 2023).

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB, 2009) ressalta que o termo NC designa associações originadas de movimentos eclesiais ou a eles incorporadas. No subsídio Igreja Particular, Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades, o documento cita que alguns novos movimentos eclesiais se apresentam e se estruturam mais como formas particulares de vida comunitária do que associações religiosas.

Nas NC, é possível tornar-se membro como parte da Comunidade de Vida (CV) ou da Comunidade de Aliança (CA). As instituições possuem estatutos que definem seu regime de governo, carisma, itinerário formativo, critérios de admissão e desligamento (CNBB, 2009). Conforme Alves (2009, p. 58), “[...] a divisão em Comunidade de Vida e Comunidade de Aliança se dá pela forma como o membro vivencia a sua pertença à Comunidade.”

Sousa (2010, p. 88) complementa que a Comunidade de Vida reúne pessoas que “[...] compartilham residência e dedicação integral aos objetivos institucionais [...]”, enquanto a Comunidade de Aliança se caracteriza pela “[...] inserção dos membros em diferentes contextos profissionais e familiares, ainda que

¹ RODRIGUES, E. B. de S. **Do Concílio Vaticano II às nossas Diretrizes atuais**. Política de Proteção. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 9 de outubro de 2009. Disponível em: <https://abre.ai/nHO4>. Acesso em: 2 out. 2025.

vinculados espiritualmente à instituição [...]”.

O processo formativo nas NC é considerado essencial e elaborado segundo a natureza e o carisma próprios de cada comunidade. Inclui momentos de oração, estudo individual e comunitário, além da vivência de valores espirituais.

Tal perspectiva converge com a visão logoterapêutica frankliana, que compreende o ser humano não como livre dos condicionamentos, mas como livre para escolher e assumir responsabilidades diante da vida.

Assim, optar por uma vida fraterna em comunidade é uma escolha pessoal de doação e de ordem missionária, que mesmo sendo uma escolha difícil principalmente pela abdicação do viver no mundo para escolhas mais em prol dos outros e de serviços missionários, essa escolha leva também o indivíduo a buscar equilíbrio psicológico, dentro do qual, a pessoa que opta pela vida fraterna em comunidade consegue também dar sentido a sua existência quando busca cuidar dos outros e viver de oração (ASSIS, 2011).

O Catecismo da Igreja Católica destaca que a vida consagrada se caracteriza como uma profissão dos conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência, considerados elementos de singular valor para o desenvolvimento humano e espiritual (CNBB, 2013).

No caso específico do autorrelato aqui narrado, a autora, aos 23 anos de idade comprometeu-se publicamente a viver como testemunha do amor de Cristo, assumindo os conselhos evangélicos e o lema de sua comunidade, quando se inseriu numa NC. Posteriormente, em 2001, consagrou-se definitivamente ao celibato pelo Reino dos Céus, condição que permanece até os dias atuais.

A vinculação religiosa de uma jovem mulher

Minha trajetória pessoal está profundamente ligada à fundação e ao desenvolvimento de uma Nova Comunidade religiosa, iniciada em 1989, marcada por minha saída do convívio familiar para dedicar-se integralmente à evangelização, motivada pelo desejo de anunciar o Reino de Deus, o que considero uma causa nobre.

Desde muito pequena, vi e convivi com minha mãe em sofrimento psíquico, mas nunca entendi o que de fato acontecia com ela. Cresci conversando com meus pensamentos, tentando entender o porquê de minha mãe passar por uma doença que afetava o humor, mas eu não entendia. Além do fato de que isso resultava sempre em longos períodos de internação. Naqueles questionamentos infantis, com o conhecimento que tenho adquirido da Logoterapia e Análise Existencial neste tempo, sei que desde a mais tenra idade, eu desejava encontrar o sentido do sofrimento.

Todavia, na medida em que os anos passavam eu me desenvolvia na companhia de irmãs, dos primos e dos colegas de sala de aula, que sempre foi algo positivo, nunca faltaram as brincadeiras de criança, nem a atenção e os devidos cuidados da parte de meu pai, tias e avós. O dia consistia em ir para a escola, brincar, ver tv e sem que os adultos nos explicassem nós sentimos na pele o quanto o transtorno mental de mamãe mudava a rotina dos demais adultos (do papai, de meus avós e tias maternas). É fato, minhas irmãs e eu sempre tivemos uma rede de apoio na ausência física de nossa mãe.

Estudei em escola pública, na adolescência fiz curso na Escola Técnica Federal da Paraíba (ETFB), hoje IFPB, e participava de um grupo da Renovação Carismática Católica. Na época do Ensino Médio sonhava em ter diferentes formações: ser engenheira, médica, historiadora, teóloga, psicóloga ou outras profissões. Hoje compreendo que eu sempre tive a ânsia por novos conhecimentos, não apenas empírico, mas, também científico. Viajar pelo mundo e falar outros idiomas são sonhos presentes desde menina.

Porém, vale lembrar que logo após ter feito a primeira comunhão, com 10 anos de idade, iniciei um apostolado na igreja como catequista, e com menos de 13 anos, ingressei no grupo de oração, o que me aproximou de uma realidade espiritual que até então eu desconhecia. Conheci pessoas novas que me apresentaram um modo de ser jovem cujos ideais eram marcados pela presença de Deus, o Deus de Jesus Cristo, exposto na bíblia, comunicado nas missas e nos sacramentos da Igreja Católica Apostólica Romana. E isso me chamava também atenção na minha busca por sentido.

No ano de 1989, com 19 anos de idade, assumi a condição de celibatária, mas, foi aos 23 anos, que em uma celebração eucarística, abracei o Carisma da Comunidade, na qual tenho vínculos e onde proferi os compromissos de pobreza, castidade e obediência para viver como Testemunha do Amor de Cristo por Amor à Santa Cruz. Em 2001, com 30 anos de idade, assumi de modo definitivo o celibato pelo Reino dos Céus, condição que vivo até os dias atuais, sempre na mesma NC. Sempre fui solteira.

Um divisor de águas em minha vida, posso chamar assim, ocorreu quando decidi sair da casa de meus pais, com 19 anos e ingressar em uma NC. Na verdade, este êxodo, mais tarde foi considerado como um marco de fundação. Ali começava a Comunidade de Vida da associação já mencionada, de modo que mais tarde, por razões que não me deterei aqui, fui intitulada como cofundadora.

Outrossim nestes quase 30 anos em que me dediquei, como membro de comunidade de vida, na realização de missões com crianças, jovens, adultos, casais e músicos, estive à frente de vários eventos, incluindo aqueles considerados, para a realidade comunitária, como sendo de grande porte, uma vez que reuniam mais de 2000 mil pessoas. Participei de campanhas de arrecadação, criação de material para divulgação do nome da Comunidade e a missão que comporta, campanhas e show de evangelização, gravação de músicas, reuniões e congressos nos quais representei a instituição no Brasil e no exterior. O que me trouxe muito sentido para a época que eu estava lá. Mas, sempre havia necessidade de uma busca ainda maior.

Precisei aprender a falar outros idiomas como italiano e francês, tendo em vista a comunicação com estrangeiros. Respondi perante as autoridades eclesiais pela abertura de casas da Comunidade em outro país, Estados e Dioceses do Brasil. Participei do Conselho Geral de 1989 até 2017, ano que pedi uma licença da Comunidade de vida e das atividades comunitárias por motivo de saúde. Naquela ocasião, os representantes do Governo Geral da NC me disseram para usar o tempo que fosse preciso em favor de minha saúde. Estou convicta de que o tempo dedicado e as experiências na CV nutriram meu desejo de amadurecer no amor.

Ressalta-se, estudos de Cerqueira (2011, p.125) quando afirma que vincular-se à uma comunidade é “[...] o maior desafio e o maior projeto de toda pessoa humana [...]”.

Dos 19 aos 48 anos, vivi integralmente como membro de uma nova fundação, tendo meu modo de ser, meus projetos e padrões comportamentais sustentados pelos ideais dessa Comunidade. Posso dizer que encontrei sentido em tudo o que vivi e cheguei a pensar não existir outro sentido senão aquele primeiro que regeu meu viver e foi como um divisor de águas na minha história de vida. Na verdade, eu não era de todo ignorante, no que se refere à possibilidade de encontrar sentido em cada nova situação, mas, não seria capaz de imaginar o quanto história pessoal, sentido de vida e missão podem se entrelaçar. Esta tem sido uma descoberta reveladora.

Quando obtive a licença e saí da Comunidade de Vida para viver novamente com meus pais, era impossível antever os rumos que minha vida tomaria. Trouxe consentimento verbal e a bênção do Conselho Geral da instituição para usufruir a licença comunitária, porém eu me perguntava se seria possível voltar após quase 30 anos, encontrar meus pais idosos e precisar ficar com eles para cuidar de minha saúde, que naquele momento tinha comprometimento psicofísico.

Nesse ponto, ressalta-se o que é dito por Frankl (2010, p. 57) que “[...] não existe nenhuma situação que não englobe nenhum tipo de possibilidade de sentido [...]”, até conceber que mesmo quando acontece aspectos negativos e trágicos da existência humana como a dor, a culpa e a morte, há possibilidades do sofrimento ser transformado em algo positivo ou em algo criativo, dotados de valores existenciais que deem sentido a vida. Frankl (2023) expressa no núcleo da sua teoria, a logoterapia, como uma ideia de que a principal motivação do ser humano é a busca de sentido — e que esse sentido pode ser encontrado em qualquer circunstância, até nas mais dolorosas.

Assim, na NC pude buscar sentido em tudo que fiz, mas também me decepcionei com pessoas que estavam junto de mim na comunidade. Estive mergulhada na dor de não compreender como alguém pode ferir e decepcionar outra pessoa sem sentir nada. Perguntava-me: a mesma pessoa que me magoou é a mesma que durante tantos anos eu confiei absolutamente? Naquele momento de minha existência eu não saberia responder, contudo, nas sessões de psicoterapia eu encontrei respostas que se achavam em meu interior e para além de mim. Tenho muita gratidão pela profissional que me acolheu e me ajudou a sair do momento em que eu me sentia. Aqueles anos de psicoterapia exigiram paciência na hora da dor, revisar minha história, encarar meus medos, tudo isso me levou a entender o quanto era necessário se permitir recomeçar. Considero como fruto do acompanhamento psicoterápico a realização de minha segunda graduação. Uma vez formada em psicologia, há cerca de 2 anos, trabalho como psicóloga clínica e sigo na estrada de encontrar e realizar o sentido.

O conflito existencial durante a vinculação no instituto

Por 16 anos estive à frente da formação na NC e como tal respondia pelos líderes que acompanhavam os diversos grupos vocacionais e com eles elaborava conteúdos, dirigia retiros, coordenava reuniões e pensava projetos. Um trabalho exigente do qual é preciso estar certo dos próprios passos vocacionais, ser compromissada com a vida de oração, experienciar momentos de escuta etc. Além da função de formadora geral exerci funções como visitadora e conselheira, tendo em vista a expansão que se pretendia para a Instituição.

Ademais o crescimento de uma NC pode ser percebido não apenas pelo modo como os membros levam a termo os objetivos da instituição, mas, pelo engajamento dos jovens, pelo surgimento e sustento de obras sociais e promoção humana, pelo planejamento e avaliação dos eventos e outros. Inegavelmente, o crescimento pode causar desafios, evidenciados, por vezes, nas relações interpessoais, na promoção vocacional, nas questões ligadas ao movimento de receitas financeiras e ainda na permanência dos membros, sobretudo, no que diz respeito às questões de saúde. Com o passar dos anos eles

já não têm mais o mesmo vigor de quando começaram, muitos, inclusive, ingressam bem jovens e apenas no processo de envelhecimento manifestam comportamentos, sentimentos e doenças latentes.

Ao longo dos anos, o ritmo e o estilo de vida, marcados por atravessamentos tanto subjetivos quanto comunitários, favoreceram novas interpretações da realidade, especialmente a consciência de que é preciso viver o presente, já que o passado não retorna e o futuro permanece incerto. Ou seja, chega-se jovem, torna-se adulto e agora o passo seguinte é viver a etapa que vem pela frente, ou seja, da idade sênior para a anciã.

Ademais, o crescimento de uma comunidade religiosa não apenas se manifesta pela consecução de suas metas institucionais, mas, também, pelo engajamento de seus membros. Entretanto, estudos de autores como Fenelon e Danielsen (2016), mostram que a desvinculação religiosa pode levar a uma piora no bem-estar e na saúde, especialmente quando diminui a frequência das atividades religiosas. Outros autores apontam que fatores como crenças liberais, características religiosas dos pais ou cônjuges, e experiências pessoais de inconsistência doutrinária ou institucional são determinantes para a saída de um ente na institucionalização religiosa (Garza; Muñoz; Neuman, 2013).

Griffa e Moreno (2017) comentam que, há fases de desenvolvimento do ser humano ao longo da vida, como na fase adulta, que surge indagações importantes que põe em risco as escolhas já realizadas, como o casar, o divorciar, o escolher uma profissão, etc. Na vida adulta, há plenitude física no começo e termina com o início da senilidade, essa etapa de vida também é marcada pelo amadurecimento psico e corrobora com melhores escolhas, buscando-se mais pelo sentido existencial do que pelo prazer material. Assim, as escolhas profissionais e as decisões firmes de vida são pertencimentos dessa fase do desenvolvimento humano. Voltar atrás de escolhas é uma possibilidade dinâmica do indivíduo que evolui a desenvolver-se.

Assim, percebe-se no autorrelato que, a narradora sente-se confusa da tomada de decisão anterior (de pertencer a NC), quando não obstante ao fato de que a decisão de permanência e/ou desligamento da NC gerou sofrimento interior, entretanto, nesse momento de confusão houve a possibilidade de discernimento de vontade de sentido de novos rumos, numa dinâmica existencial. Associando essa análise do autorrelato com as escritas de Frankl (2020), percebe-se que há uma dinâmica real no existir, ativada pela camada noética que faz com que o ser humano possa rever sua liberdade de escolhas e potencialidades, que dará rumo aos valores atitudinais e criativos do existir.

A partir de minha experiência, afirmo ser verdade o fato de que enquanto a saúde emocional se apresenta fragilizada, tanto as percepções são distorcidas, quanto as relações interpessoais podem ser comprometidas. Até mesmo atividades que antes eram realizadas como missão podem se tornar um fardo, uma frustração.

Desse modo, eu carregava culpas que não eram minhas e não enxergava as possibilidades de prosseguir e nem ao menos como recomeçar, assim como era frustrante pensar em desistir, uma vez que sempre fui alguém muito responsável. Eu me perguntava: o que será de mim? O que eu fiz de minha vida? Como vou viver lá fora, já que eu tinha mais tempo vivendo em Comunidade do que com minha família de sangue.

Um verdadeiro conflito estava estabelecido dentro de mim e eu me abatia cada vez mais. Sobre a atitude provisória diante da existência.

Cerqueira (2011) cita que, a insegurança no futuro, medos existenciais, dificuldades de assumir compromissos estáveis, o uso e descarte de coisas, de situações e de pessoas, a negação de valores absolutos, a preocupação em viver só o momento presente desprezando o aprendido no passado e sem proposta de metas a

alcançar, são sentimentos visualizados no ser em construção, principalmente na contemporaneidade. Todos os seres humanos são expostos a esses ditames de inseguranças, e é nesses momentos que, a decisão é libertadora.

Imprevistamente, o processo de migrar de uma NC para a casa dos pais após 28 anos sem saber ao certo se os sintomas de ansiedade, como: pensamento repetitivo e acelerado, perda de peso, sono não reparador, culpa e lente de aumento nas decepções vividas em comunidade. Naquele momento, era como se eu não soubesse mais qual o meu modo de existir.

Frankl (2023) menciona que, a saúde mental se baseia em um certo grau de tensão, ele está contrariando uma ideia muito comum: a de que ser mentalmente saudável significa estar totalmente relaxado, sem conflitos ou pressões. Tal tensão é inerente ao ser humano e, portanto, indispensável ao bem-estar mental. Frankl fala de uma tensão saudável entre: o que eu sou agora e aquilo que eu devo me tornar ou realizar. Ou seja, é a distância entre: a realidade atual e o sentido que ainda precisa ser cumprido, o que na visa frankiliana denomina-se como uma espécie de “tensão existencial”.

Nesse momento, eu havia assumido um comportamento que parecia gritar: não valho nada mais que o meu trabalho, mais que meu serviço, mais que meus esforços. E me sentia exausta por me achar alguém que não merecia, quando na verdade, a afetividade ferida vinha se tornando visível por meio de certa agressividade comigo mesma.

A decisão de licença da Nova Comunidade e o sofrimento existencial

Por meio do processo psicoterápico há compreensão de quanto o “[...] hábito de minimizar sua dor e se diminuir [...]” (Eger, 2021 p. 82). A narradora conduz sua fala na busca por amor-próprio necessário, diante de seu sofrimento:

Dessa forma, desconsiderei por muitos anos minhas intuições acerca daquilo que eu não concordava, o modo como eu via e até mesmo como cuidava era diferente de outros líderes, eu sempre fui muito intensa em tudo o que realizei. A admiração que um dia me fez almejar, doar minha própria vida em favor de todos culminou em frustração e tristeza, senti que minhas dores provinham de uma série de decepções e muitas delas foram resultado de anos de manipulação. Todavia, era preciso viver na pele as situações mencionadas para atestar a possibilidade de escolher para além dos condicionemos.

Como afirmam os autores Marino; Pereira; Carmelo e Castro (2024), quando citam que a circunstância contém a possibilidade de encontrar um significado, mesmo quando não podemos mudar a realidade externa, ainda podemos dar uma resposta interior significativa, o sentido não está necessariamente na situação em si, mas na postura que a pessoa assume diante dela. Assim, mesmo diante de sofrimento físico ou psicológico, de perdas, de fracassos, de crises existenciais, de limitações, de injustiças, enfim a afirmação sustenta que nenhuma dessas experiências elimina totalmente a possibilidade de sentido.

Então, ao trilhar o caminho de voltar para o seio familiar, logo nos primeiros meses, fui marcada pela silenciosa e dolorosa sensação de estranheza, de não pertencimento, de alguém que partiu muito jovem e agora retornava não apenas adulta, mas, com quase nada para oferecer. Indagava-me: como vou gerir minha vida? Até aqui vivi na CV o que farei fora dela? Era terrível me deparar com a necessidade de começar tudo de novo, e o medo havia se tornado uma emoção constante, avassaladora.

Sim, era preciso entender sobre o que há de mais legítimo no ser humano, fazia-se necessário conhecer a força da dimensão noética e mais, captar que sou livre para escolher. O fato ter vivido praticamente três décadas de minha existência no “formato” de Comunidade de Vida não exauria minha possibilidade de vir a ser. Eu não tinha dimensão alguma de que a decisão que tomei no ano de 2017 me levaria a desbravar novos caminhos, inicialmente, dentro de mim, na minha história de vida e posteriormente na missão que hoje realizo. Passaram-se sete anos para eu compreender o quanto o passado é imutável.

Com a imagem de uma ponte faço a analogia da travessia que vivi da Comunidade de Vida para a Comunidade de Aliança. Existia um conflito existencial, se estabelecia o dilema em permanecer com meus pais ou voltar para o lugar em que se vivi tantos anos, inclusive, mais tempo do que com minha família? Qual o significado teria uma licença que tem duração tão prolongada? Mas, como permanecer sem encontrar o sentido? O horizonte das possibilidades e do sentido encontrado estavam postos, mas, eu desconhecia. Eu precisava encontrar o sentido!

A Logoterapia ensina que cada momento da vida traz consigo uma possibilidade única de sentido, e que cabe ao indivíduo responder a essa possibilidade de forma autêntica. Trechos de Frankl (2011) discorrem que a vida nunca deixa de ter sentido, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. O que importa não é o que esperamos da vida, mas o que a vida espera de nós.

Há outro ponto a analisar, quando se busca esse entendimento de aceitação do ciclo de existência, a vida é feita de alternâncias inevitáveis (nascer, morrer, chorar, rir, construir, destruir), e a Logoterapia, por sua vez, não busca eliminar o sofrimento, mas, ajudar a pessoa a encontrar sentido, inclusive, nas perdas, nas mudanças trágicas da vida, no envelhecimento, na aposentadoria, nas dores e nos lutos.

À luz do pensamento de Frankl (2022), especialmente quando o autor afirma que, o sofrimento deixa de ser sofrimento quando encontra um sentido, ele revela que a dor humana não é eliminada, mas transformada quando integrada a um propósito existencial. Tal perspectiva afirma que, cada etapa da vida, com suas alegrias e adversidades, constitui um momento singular de realização de sentido. Assim, tempo e sentido não se apresentam como dimensões isoladas, mas entrelaçadas: o tempo configura o horizonte concreto em que o ser humano é convocado a responder às circunstâncias que lhes são dadas. Mesmo nas situações mais adversas, permanece a liberdade interior de assumir uma atitude significativa, transformando o sofrimento inevitável em ocasião de amadurecimento e responsabilidade existencial. Desse modo, a existência humana se compreende como um contínuo chamado à descoberta e realização de sentido em cada instante irrepetível da vida.

A busca pelo sentido de vida após o êxodo da Comunidade de Vida e a liberdade de escolha de um novo caminho

Viktor E. Frankl nasceu em uma família judaica ano de 1905, Viena (Áustria). Segundo relato encontrado no livro “Em Busca de Sentido” (2015), sua vida foi marcada por grandes momentos de superação. Já na condição de médico neurologista e psiquiatra, Frankl sobreviveu a quatro campos de concentração: *Theresienstadt*, *Auschwitz*, *Kaufering III* e *Turkheim* (Frankl, 2010). Como ele mesmo afirma, em locais onde a pessoa é privada de tudo, mas ainda lhe resta a liberdade. A liberdade é a última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas. Conforme Frankl (2019), o ser humano é uma unidade tridimensional, constituído por instâncias factuais (biológicas), anímica (psicológica) e facultativa (espiritual), ou seja, a dimensão noética.

Ademais, no arcabouço teórico da Logoterapia e Análise Existencial está contido três pilares: Liberdade da Vontade, Vontade de Sentido e Sentido da Vida. O primeiro pilar, a liberdade da vontade da pessoa, segundo Frankl (2020, p. 22) “[...] pertence aos dados imediatos de sua experiência [...]”, ou seja, representa a capacidade do ser humano de se posicionar frente aos determinismos biológicos, psicológicos e sociais.

Sendo assim, o mais importante não são os condicionamentos biopsicossociais, mas os posicionamentos, as atitudes livres. Afinal, a dimensão noológica está situada para além do psicofísico, incluindo as instâncias valorativa, intelectual e artística (Frankl, 2023).

Portanto, a narradora ao ter sido capaz de escolher entre permanecer com sintomas de adoecimento na Comunidade de Vida e aceitar ter o tempo de viver uma licença comunitária, retornar para a casa de seus pais e cuidar de sua saúde, ela escolheu experimentar a liberdade da sua própria vontade, a de sair da instituição e fazer o curso de psicologia, tentar algo novo na sua trajetória de vida. Mesmo sabendo não ser livre de condicionamentos, na condição de ser humano, é difícil fazer mudanças em caminhos já traçados. Marino; Pereira; Carmelo e Castro (2024, p.29) “[...] a liberdade da vontade, sustenta a vontade do ser humano de ser livre [...]”.

Sou a mesma mulher que experimentou a sensação de falta de sentido pelo sofrimento que se manifestou na decepção, aquela que ao procurar ajuda profissional ouviu: “[...] provavelmente, levará cerca de 10 anos para que você encontre sua identidade perdida [...]”. Assumo, a vida em comunidade é parte de meu passado imutável e no qual encontro sentido de ter doado tudo o que era, enquanto jovem, para realizar a missão de evangelização.

Além disso, como afirma Aquino (2023, p. 99), “[...] os momentos felizes do passado podem iluminar o presente nos dias nublados da alma [...]”. Assim sendo, no momento presente em que a narradora passa a viver uma nova experiência, de comunidade de vida para comunidade de aliança, agora mais aberta, tal perspectiva foi um marco existencial que para ela não teria mais volta. Seria um novo começar, um novo trilhar, algo que, de certa forma, era libertador, mas ademais, cheio de sentido nesse momento de sua vida.

A narradora fala que saiu da comunidade para estudar Psicologia, não com o desejo de ter apenas o conhecimento, mas, também com a postura noológica, de um valor atitudinal, ou seja, de buscar uma profissão e se inserir no mercado de trabalho de uma outra forma que não seria da servidão, mas da orientação profissional. É verdade que no sofrimento vivenciado pela narradora do autorrelato foi o ponto-chave para o desenvolvimento de valores atitudinais, fazendo com que ela transcedesse o sofrimento por meio de uma tomada de atitude responsável, orientada por todo um sentido, e esse por sua vez, ter realmente se encontrado como ser-no-mundo.

Sob esta ótica, a sensação de perda de sentido um dia experienciada, mais especificamente nas decisões de sair da obra missionária, desencadeou sintomas depressivos. Quando do conhecimento da ciência da Psicologia, e de toda orientação como fruto do sentido da vida, a narradora expôs que fora diante de horizontes reveladores: possibilidade de contemplar a beleza e a importância de uma rede de apoio e de perceber o valor dignificante do trabalho, que lhe deu vontade de procurar novos horizontes, como o de sair da comunidade e fazer um curso superior. O legado estava sendo deixado: uma vida permeada de amor oblato, de realizações e alegrias encontradas em meu passado, mas que agora no presente, havia a oportunidade de novos rumos, com mais sentido existencial.

Metaforicamente, o sentido ora encontrado, tem cor, sabor e cheiro de vida que chama e ilumina o dever-se. Aquino (2023) chama tudo isso de busca por possibilidades, o ser humano em busca dos valores

e sentidos disponíveis no aqui e agora, encontrando posturas e ações significativas para a existir. Ser livre e ser responsável, permitindo estar no caminho dos valores criativos, de experiência e de atitudes diante do mundo. Frankl (2022), revela que, se tivermos motivo para sermos felizes, a felicidade virá a nós de modo espontâneo. E quanto menos nos preocuparmos com a felicidade, mas teremos sua presença.

Considerações Finais

O autorrelato permitiu que a narradora expusesse suas fases de inquietudes que fez com que seu direcionamento de vida se pautasse no que ela sempre buscou: a liberdade de escolhas na dinâmica da vida. A narrativa realizada sob a luz da Logoterapia permitiu que, houvesse explicações mais óbvias que as escolhas que se faz na vida não são sempre as mesmas de forma estagnada, e que o sofrimento muitas vezes, é a motivação para o toque de partida a novos horizontes. A vivência comunitária, ainda que marcada por desafios e a vivência pós-comunidade, ambas narrada no autorrelato, possibilitou analisar o desenvolvimento psíquico de uma mulher que, ao enfrentar uma decisão de vida, reconhece que foi pela busca de sentido que houve a motivação maior para o encorajamento das decisões importantes de cada tempo de sua vida.

Contata-se ao mesmo tempo, em contextos adversos, que houve uma experiência da liberdade de escolha e de responsabilidade existencial na tomada de decisão sobre (des)vincular-se da instituição, permanecendo, como elementos fundamentais, a resignificação da trajetória pessoal a abertura de novos horizontes de sentido. Nesse aspecto, apresentar o referido autorrelato, sob a perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial, favoreceu a interpretação da experiência relatada, construída de subsídios teóricos para a compreensão da relevância da espiritualidade humana que vai além da vinculação à instituição, mas sim, como testemunho de autotranscendência e de busca de sentido de vida na dinâmica do existir, mesmo que esse processo tenha gerado sofrimentos e atitudes necessárias para o enfrentamento maior da decisão das escolhas.

Conclui-se, então, que a busca de sentido constitui elemento essencial para a promoção da saúde integral e para o fortalecimento da vida comunitária e familiar. Ao reconhecer o valor das experiências vividas e a possibilidade de novas escolhas, torna-se viável superar crises existenciais e construir caminhos de realização pessoal e coletiva. Assim, reafirma-se a pertinência da Logoterapia não apenas como prática clínica, mas também como recurso fundamental para a promoção da saúde, da resiliência e da qualidade de vida.

Referências

ALVES, K. S. A. L. **Comunidades novas de vida e aliança no nordeste brasileiro: processo comunitário e práticas religiosas**. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2009. Disponível em: <https://abre.ai/nH7G>. Acesso em: 1 out.2025.

ALONSO, Vanessa; DEFANTI, Fernanda M. G.; NERI, Anita L.; CACHIONI, Meire. Meaning and Purpose in Life in Aging: A Scoping Review. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 39, e39207, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/6Xs9qGJRZZ8DD8JQ6qFnPXC/?lang=en>. Acesso em: 20 fev. 2026.

ALMEIDA, E. C. Renovação carismática católica: um dom do Espírito Santo. **Logos & Culturas: Revista Acadêmica Multidisciplinar de Iniciação Científica**. Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 130-152, 2023. Disponível em: <https://ojs.catolicadefortaleza.edu.br/index.php/logosculturas/article/view/500/476>. Acesso em: 23 de Janeiro de 2026.

AQUINO, T. A. A. **Reflexões acerca do sentido da vida – a partir do pensamento de Viktor Frankl**. São Paulo: Paulus, 2023.

BRAÑAS-GARZA, P.; GARCÍA-MUÑOZ, T.; NEUMAN, S. Determinants of Disaffiliation: An International Study. **Religions**, v. 4, n. 1, p. 166-185, 2013. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-1444/4/1/166>. Acesso em: 20 fev. 2026.

BINS, R. M. D. C. **Eclesialidade, novas comunidades e Concílio Vaticano II**. As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja. 2015. 188 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 2015. Disponível em: <https://abre.ai/nH7I>. Acesso em: 2 out. 2025.

CERQUEIRA, E.K (org). **Sexualidade, gênero e desafios bioéticos**. São Paulo: Difusão, 2011.

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Igreja Particular, Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades**. Subsídios Doutrinários n.3, 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/73330308/CNBB-Igreja-Particular-Movimentos-Eclesiais-e-Novas-Comunidades>. Acesso em 22 de janeiro de 2026.

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Catecismo da Igreja Católica**. 3. ed. Brasília: CNBB, 2013.

DELORY-MOMBERGER, C. **O poder formativo e performativo da narrativa na pesquisa biográfica em educação: entrevista com Christine Delory-Momberger**, realizada por Valérie Melin. Debates em Educação, v.14, n.35, p.17-29, 2022. Disponível em: 10.28998/2175-6600.2022v14n35p17-29. Acesso em 23 de jan de 2026.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Narrativa de vida: origens religiosas, históricas e antropológicas. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 40, n. 26, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4039>. Acesso em: 20 fev. 2026.

EGER, E.E. **A liberdade é uma escolha**. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. 25ª edição. Ed. Vozes Ed. Sinodal. Petropolis, 2023.

FRANKL, V. E. **O sofrimento humano - fundamentos antropológicos da psicoterapia**. São Paulo: E. Realizações, 2019.

FRANKL, V. E. **Logoterapia e análise existencial**: textos de seis décadas. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2022.

FRANKL, V. E. **O que não está escrito nos meus livros**. São Paulo: Ed. É Realizações, 2010.

FRANKL, V. E. **Vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, V. E. **Psicologia e existencialismo**: textos selecionados em logoterapia. São Paulo: E. Realizações, 2020.

FENELON, A.; DANIELSEN, S. **Leaving My Religion**: Understanding the Relationship Between Religious Disaffiliation, Health, and Well Being. *Social Science Research*, v. 57, p. 49 62, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26973031>. Acesso em 25 de Jan de 2026.

GRIFFA, M. C.; MORENO, J. E. **Chaves para a psicologia do desenvolvimento: adolescência, vida adulta, velhice**. 6. Ed. São Paulo: Paulinas, 2010. 28 p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/presentation/598289393/Chaves-Para-a-Psicologia-Do-Desenvolvimento>. Acesso em 23 de jan de 2026.

MARINO, H.R.; PEREIRA, I.S; CARMELO, L.E (Org.); CASTRO, M.C. **O homem e a busca de sentido**: um guia para entender Viktor Frankl. Campinas: Ed. Auster, 2024.

RODRIGUES, E. B. de S. **Do Concílio Vaticano II às nossas Diretrizes atuais**. Política de Proteção. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 9 de outubro de 2009. Disponível em: <https://abre.ai/nHO4> . Acesso em: 2 out. 2025.

SOUSA, R. J. **Comunidade e sociedade informacional**: o fenômeno comunitário contemporâneo a partir da Comunidade Midiática Canção Nova. 2010. 238 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande – PB, 2010. Disponível em: <https://abre.ai/nH7P>. Acesso em: 2 out. 2025.